

---

# TEATRO

# 28, 29 ABRIL '08

# LIBRAÇÃO

---

De Lluïsa Cunillé

Um espectáculo d'As Boas Raparigas...

Encenação de Cristina Carvalhal

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

*Culturgest*



SEG 28, TER 29 ABRIL 2008 · PEQUENO AUDITÓRIO · 21H30 · DUR. 55 MIN · M/12

Título original *Libración* (1994)

Autor Lluïsa Cunillé

Tradução Carla Miranda e Cristina Carvalho

Dramaturgia As Boas Raparigas... e Cristina Carvalho

Encenação Cristina Carvalho

Com Carla Miranda e Maria do Céu Ribeiro

Voz off Maria Fernanda Barros

Desenho de luz Jorge Ribeiro

Cenografia e adereços Cláudia Armanda

Figurinos Catarina Barros

Sonoplastia Luís Aly

Design gráfico Rui Gonçalves

Fotografia As Boas Raparigas...

Produção executiva Cândida Silva

Montagem cenográfica Cláudia Armanda e Manuel Pereira

Confeção de figurinos Ana Maria Fernandes

Construção de adereços Manuel Pereira

Montagem de luz e som Hugo Amaral e Manuel Pereira

Operação de luz e som Hugo Amaral

Uma produção da companhia As Boas Raparigas...

Agradecimentos Dra. Cidália Duarte (CMP – Divisão Património e Provisionamento), Eng.º Paulo Ferreira (CMP – Domus Social), Eng.º Manuel António Pereira de Barros (Departamento de Física da FCUP), Filipe Rodrigues (Fsom), Dr. Alex Alves (Acesso4), Carlos (Anjos Urbanos), Dr. Fernando Pereira (Escola de Bailado Fátima Lopes), Fernando Sousa (Diferença), Pedro Vieira e Victor Rebelo (Ereserv), Sr. Antero (Texsa), Lavazza Portugal, SA, Academia Contemporânea do Espectáculo, PortoLazer, Teatro Bruto, Maria Fernanda Barros, Isabel Pereira, Paulo Pimenta, Susana Azenha, Vítor D'Andrade, Paulo Herbert, Patrícia Lima, Conceição Cabrita, Eng.º Rui Cunha (CP – Caminhos de Ferro Portugueses. E. P), Sérgio Praia, João Pedro Vaz

O espectáculo estreou a 27 de Setembro de 2007 no Estúdio Zero, Porto

## O espectáculo

Talvez esteja errada esta percepção de que respondemos uns aos outros. De que existe alguém que nos escuta. Se a realidade é aquilo em que acreditamos, as palavras serão talvez entidades abstractas carregadas de desejos, de vazios, objectos mortais.

Ao fundo do teatro uma parede reflecte parcialmente vozes que não existem. As nossas faces coram. Pudor, esforço, calor? O que é isto de que julgamos necessitar?

Em cima do palco duas mulheres resistem a existir, a inscreverem-se como algo de concreto e tangível. Um cachecol pode ser aquilo a que de mais íntimo tenho acesso em mim, a face visível da lua. Risos. Não sejas infantil.

Transgredir, impossível. Resistir, uma perda de tempo. Correr riscos, uma parvoíce.

Uma câmara fará as vezes de um espelho? Explique as diferenças.

Chove sem parar. É difícil apanhar um táxi.

Explicar a dor ou mostrar a dor?

É de noite. Sim.

CRISTINA CARVALHAL

*Libração* significa “movimento como que de oscilação que um corpo, ligeiramente perturbado no seu equilíbrio, efectua até recuperar pouco a pouco”.

*Libração* é o “encontro entre duas mulheres num parque de uma cidade durante três noites de lua cheia. Faz frio, talvez seja Inverno ou finais de Outono” (Lluïsa Cunillé).

O tempo: meia-noite em ponto. O espaço: um parque onde tudo é de ferro. No parque, mobiliário urbano onde se encontram imagens de infância: cavalos que chamam, placas que proíbem deixar os cães à solta, a ronda da polícia vigiando ciclicamente todas as presenças reais... As palavras, as estratégias, os reconhecimentos, as memórias, as necessidades, o filho de uma e os cães da outra... *Libração* de Lluïsa Cunillé: ao longo de três noites, duas mulheres em redor de uma descoberta.

# A autora

**LLUÏSA CUNILLÉ** nasceu em Badalona, na Catalunha, em 1961. Entre 1990 e 1993 participou nos seminários de José Sanchis Sinisterra na Sala Beckett em Barcelona. É uma das autoras teatrais catalãs mais activas dos últimos anos. Desde a estreia da sua primeira peça, *Rodeo* (Prémio Calderón de la Barca 1991), não parou de estreiar e publicar novos textos, tanto em catalão como em castelhano, aos quais se juntam ultimamente adaptações e guiões cinematográficos. Fundou, com Paço Zarzoso e Lola López, a companhia Hongaresa de Teatre em 1995. Entre os seus textos podem destacar-se: *Molt novembre* (1993), *La festa* (1994), *Libración* (1994), *Accident* (1996), *Apocalipsi* (1998), *L'afer* (1999), *La cita* (1999), *Passatge Gutenberg* (2000), *Vacants* (2000), *El gat negre* (2001), *L'aniversari* (2001), *Aquel aire infinito* (2003), *Barcelona, mapa d'ombres* ou *La cantant calba al McDonald's* (2006).





## Uma poética da subtracção

O “caso Cunillé” começa a converter-se num alarmante sintoma da situação actual do teatro catalão (e do espanhol, dado o bilinguismo da sua produção). Enquanto os nossos melhores encenadores empregam o seu talento a modernizar Shakespeare, Molière, Goldoni... e os teatros públicos improvisam dramaturgos autóctones e importam musicais estrangeiros, os textos de Lluïsa Cunillé surgem implacavelmente, salvo raras excepções, como testemunhos de uma impressionante vocação dramática que nenhuma indiferença ambiental poderá apagar.

Quero começar insistindo nesta tenaz fecundidade [...] porque diz muito do rigor, do compromisso e da honestidade desta autora que, como todos os verdadeiros criadores, escreve imbuída por uma profunda e decisiva necessidade interior. Escreve porque não pode evitá-lo, porque não pode deixar de o fazer: escrita e vida reclamam-se, exigem-se mutuamente. Assim como ela não necessita de reconhecimentos exteriores, também a sua escrita não depende deles. Brota irreprimivelmente do mesmo fundo que a faz viver. Vejamos.

Quando conheci Lluïsa Cunillé, em 1989, tinha escrito “umas dez peças” e outras dez com sua irmã, Maria Rosa. De todas estas peças, a única que pude conhecer por ter sido apresentada infrutiferamente ao Prémio Calderón de la Barca (eu fazia parte do júri) foi *El Hermano menor del señor K*. Um texto

completo, enigmático, quizá um pouco confuso, mas que revelava um sentido da teatralidade bem distinto do esquemático, do óbvio e dos convencionalismos e/ou dos que ingenuamente buscamos rupturas, características do dramaturgo primário.

Que duas jovens de Barcelona, sem ligações com algum ambiente teatral ou amador, com escassas leituras dramáticas contemporâneas e, parece, muito pouco familiarizadas com o brilhante ambiente teatral catalão daqueles anos, conseguissem escrever uma obra tão insólita resultava, no mínimo, desconcertante.

Convidadas a participar num seminário de Dramaturgia da Sala Beckett, que naquela altura iniciava a segunda convocatória, só Lluïsa se inscreveu e nos três anos seguintes realizou cerca de quarenta exercícios de escrita dramática, alguns dos quais com a consistência de verdadeiras peças breves. De notar que aqueles exercícios se caracterizavam por submeter a criatividade a uma série de modelos e pressupostos dramáticos um pouco irritantes – nos antípodas da liberdade expressiva –, a escrita de Cunillé conseguia sempre manter uma especificidade não menos “irritante”, uma personalidade invulnerável, inconfundível. Respeitando e simultaneamente fugindo aos pressupostos, a sua poética particular mantinha-se incólume e inclusive consolidava-se naqueles pequenos mundos dramáticos passando pelo humor e pelo mistério. Humor com

frequência imperceptível, mistério frequentemente trivial, mas dotados de um inegável poder de sugestão. A austeridade e o laconismo característicos do seu carácter pessoal convertiram-se em rasgos estilísticos da sua teatralidade.

E o mais paradoxal: se nos planeamentos teóricos e técnicos do seminário se incentivava os jovens dramaturgos a dosear a informação verbal, a ocultar o explícito dos personagens e situações, a permitir a actividade descodificadora do receptor mediante a alusão, o implícito, o que não se diz..., com Lluïsa o “discurso didáctico” era na direcção contrária: “Não poderias dar mais alguma pista?”

Hoje em dia, esta continua a ser a questão central que define o “estilo Cunillé” e que polariza a reacção de leitores e espectadores perante as suas obras. De uma maneira bastante notória, produz-se uma divisão entre a aceitação incondicional e o repúdio categórico: entre aqueles que se sentem cativados pelo mundo de sugestões, latente nos seus textos leves e ambíguos, e aqueles que, bloqueados perante a circunspeção dos seus mundos teatrais, sentenciam: “Não acontece nada, isto não é teatro.” [...]

Nas 22 peças (vinte e duas!) escritas por Lluïsa Cunillé desde 1991 até hoje que redijo estas páginas, “a sua poética da subtracção”, como proponho chamá-la, foi aplicada a diferentes zonas da teatralidade com diferentes resultados. Desde a total oclusão do referente e/ou do contexto situacional que torna francamente

crípticos alguns textos – mas nem por isso desprovidos de humor, de lirismo, de dramaticidade, de intriga... – até à renúncia em desvendar, noutros textos, os antecedentes ou a motivação das personagens, a conexão entre as diferentes cenas que constituem uma peça, o nível de realidade de uma situação, o destinatário da palavra, a veracidade de uma informação ou de uma confissão e, sobretudo, a natureza dos vínculos afectivos e a intensidade subterrânea das emoções e sentimentos, a sua escrita realiza uma subtil e implacável exploração dos limites da opacidade. A tudo isto há que acrescentar a renúncia ao espectacular e a extrema economia dramática que caracterizam também a sua poética “subtractiva”. [...]

Ocultar para revelar, para que o espectáculo da vida humana não seja exibido, ostentado a partir do palco, mas, pelo contrário, descoberto gradualmente a partir da sala [...]. Daqui decorre que os conflitos permaneçam enterrados, os desejos retidos e os estouros contidos até à altura do seu desencadeamento. Assim a banalidade quotidiana flui sem manifestação, permitindo apenas adivinhar o surdo respirar da tragédia “escondida”. É, não nos esqueçamos, um teatro feminino, uma escrita de mulher.

JOSÉ SANCHIS SINISTERRA

# A Companhia

**AS BOAS RAPARIGAS VÃO PARA O CÉU, AS MÁS PARA TODO O LADO** é um projecto teatral com direcção artística de Rogério de Carvalho que estruturou profissionalmente uma nova geração de criadores com formação escolar, sendo pioneira da renovação teatral do Porto.

As Boas Raparigas... já apresentaram:

1993	2001
<i>Histórias Mínimas</i> de Javier Tomeo	<i>Ponte de Sonhos</i>
	<i>Uriel Acosta</i>
1995	<i>Os Judeus e o Porto</i> (ciclo de conferências)
<i>O Paraíso</i> de Alberto Moravia	<i>Tradição e Modernidade</i> (concerto de música ladina)
1996	2002
<i>Pelo Buraco da Fechadura</i> de Joe Orton	<i>DESCULPAS!</i> de Jordi Sanches e Joel Joan
1996	<i>Molly Bloom</i> de James Joyce
<i>Quinteto</i> de Eduarda Dionísio	2003
1997	<i>Fédon</i> de Platão (nova encenação)
<i>Quatro Horas em Chatila</i> de Jean Genet	<i>Roleta</i> de Raimondo Cortese
1998	2004
<i>Limites: Prólogo</i> de Michel Azama	<i>Provas de Contacto</i> de Eduarda Dionísio
<i>Tens um P</i> de Florian Felix Weigh	<i>Serviço D' Amores</i> de Gil Vicente
<i>Limites: Possibilidades</i> de Howard Barker	2006
1999	<i>Mãos Mortas</i> de Howard Barker
<i>Fédon</i> de Platão	<i>O Estrangeiro</i> (a partir de <i>The Tin Can</i> )
<i>Abecedário</i> de Heiner Müller	<i>People</i> de Edward Bond
2000	2007
<i>Diálogo em Ré Maior</i> de Javier Tomeo	<i>A Apologia de Sócrates</i> de Fédon
<i>Causa /Efeito</i> de António Pseudónimo	<i>Libração</i> de Lluís Cunillé
<i>Tio Vânia</i> de Howard Barker	2008
	<i>4.48 Psicose</i> de Sarah Kane

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

JAZZ TER 29 ABRIL

## Marc Copland Greg Osby John Hebert Bill Stewart

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M/12

O pianista Marc Copland, muitas vezes designado o “poeta do piano”, é talvez o principal expoente da escola do pianismo lírico do jazz actual. Nascido em 1948, na Pensilvânia, começou a tocar saxofone que abandonou para se dedicar ao piano. Com uma vasta obra gravada, tocou com grandes nomes do jazz actual em diversas formações e apresenta-se e gravou também a solo.

Greg Osby, nascido em St. Louis, iniciou a sua carreira de saxofonista, compositor, produtor e professor, em 1975. Marcou indelevelmente o jazz contemporâneo nos últimos vinte anos. Entre muitos outros, tocou com Herbie Hancock, Dizzy Gillespie, Andrew Hill, Muhal Richard Abrams, Jack DeJohnette. Desde há anos que colabora com Marc Copland.

O contrabaixista John Hebert foi citado em 2006 e 2007 pelos críticos reunidos pela revista *Downbeat* como



Marc Copland, Greg Osby, John Hebert e Bill Stewart

“Rising Star Acoustic Bassist”. Nascido em New Orleans, estudou na sua terra natal e em Nova Iorque, para onde se mudou. Trabalhou, por exemplo, com John Abercrombie, Paul Bley, Marc Copland, Fred Hersch, Andrew Hill (com o qual gravou o magnífico *Time Lines* e se apresentou na Culturgest em 2006), Lee Konitz, Paul Motion, Greg Osby, Maria Schneider, Toots Thielemans, Kenny Wheeler.

Bill Stewart, baterista, nasceu em Des Moines, Iowa, em 1966. No início da sua carreira gravou com o saxofonista Scott Kretzler, tendo nessa altura encontrado Marc Copland com quem tem trabalhado e gravado desde há anos. Ao longo da sua carreira tem tocado com Peter Bernstein, Bill Garrothers, Bill Charlap, Larry Goldings, Joe Lovano, Pat Metheny, John Scofield, Steve Swallow, Gary Peacock.

Com músicos destes e que tão bem se conhecem, é legítimo esperar um grande concerto de jazz nesta noite.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

# CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

## CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

### PRESIDENTE

António Maldonado Gonelha

### VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

### ADMINISTRADORA

Margarida Ferraz

## ASSESSORES

### DANÇA

Gil Mendo

### TEATRO

Francisco Frazão

### ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

### SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

João Cardoso ESTAGIÁRIO

## DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

## PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Judite Jóia

## EXPOSIÇÕES

### COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Mário Valente Almeida

### PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

### PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

### MONTAGEM

Fernando Teixeira

### CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

## COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Marta Fernandes ESTAGIÁRIA

Sara Nogueira ESTAGIÁRIA

## PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

## ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

## SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANCIEROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

## DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

## DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

## ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA

José Manuel Rodrigues

## AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

## ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

## MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

## TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Coelho

## FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

## BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Paula Pires Tavares

## RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

## AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

## COLECÇÃO DE ARTE DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

María Jesús Ávila

Valter Manhoso

Maria del Sol Aragón ESTAGIÁRIA

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

